

PERCEPÇÕES DE DISCENTES COLEGIAIS SOBRE AS IMPLICAÇÕES DE IMAGENS MAIS CRISTALIZADAS NO DESENVOLVIMENTO FORMATIVO E NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DE MULHERES BRASILEIRAS

Beatriz Oliveira Carvalho¹

Maria Eduarda Silva Moura²

Willian Falcão Lopes³

Resumo

Intencionamos, com essa investigação extensionista, descrever e interpretar, nas percepções de discentes colegiais, as implicações de imagens mais cristalizadas no desenvolvimento formativo e no bem-estar subjetivo de mulheres brasileiras. Ao mesmo tempo, criamos alternativas para possíveis reconstruções dessas percepções discentes, por meio da experiência pedagógica com imagens mais abertas sobre potencialidades e conquistas sócio-político-espaciais de mulheres contemporâneas. Para seu acontecer, nos apoiamos em abordagens qualitativas de pesquisa e extensão, fundamentadas nas correntes filosóficas da Fenomenologia e da Hermenêutica, tendo como Método o Fenomenológico Empírico (MFE). Como resultados, observamos que os/as trinta discentes colegiais investigados têm como percepção nuclear das mulheres brasileiras a imagem mais cristalizada de cuidadora, a qual aparece nos papéis por elas desenvolvidos enquanto mães, professoras, secretárias do lar, enfermeiras etc. No entanto, através da experiência com imagens mais abertas, que dispunham outras formas-conteúdos de vir-a-ser mulher, conjuntamente com a problematização crítico-criativa da concepção teórica de interseccionalidade, pudemos notar uma pequena mudança na percepção desses discentes, quando passaram a descrever as mulheres brasileiras como diversas e com diferentes acessos a oportunidades, conforme os marcadores sociais que as compunham.

Palavras-chave: Imagens mais cristalizadas; Mulheres brasileiras; Percepções de discentes colegiais.

Introdução

De acordo com o Censo de 2022, as mulheres representam 51,5% da população brasileira (104.548.325), enquanto os homens correspondem a 48,5% (98.532.431). Apesar da maioria numérica, as mulheres ainda figuram entre os grupos mais vulneráveis e sócio-político-espacialmente excluídos. Essa vulnerabilidade decorre do resultado de desigualdades de gênero sustentadas por processos que cristalizam imagens masculinas como viris e racionais, e femininas como frágeis, domésticas e emotivas.

1Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UESB. Bolsista do grupo EduGeoPsIC. beatrizoliveira.geo@gmail.com

2Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UESB. Bolsista do grupo EduGeoPsIC. E-mail: mesilvamoura@gmail.com

3 Doutor e Mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB. Bacharel em Psicologia pela UFBA e Licenciado em Geografia pela UEFS. Professor Assistente da UESB e do quadro permanente do PPGeo-UESB. Líder do grupo EduGeoPsIC. E-mail: willian.lopes@uesb.edu.br

Tais imagens mais cristalizadas atuam como dispositivos simbólicos que delimitam, de modo enrijecido, o que pode vir-a-ser homem ou mulher na sociedade contemporânea, penalizando especialmente as mulheres nos contextos familiares, educacionais e laborais. Nesses espaços, suas representações continuam em desvantagem frente às dos homens. Para Lopes (2024), as imagens configuram formas-conteúdos materiais, como fotografias ou mapas, e simbólicas, como conceitos e narrativas; contudo, quando carregadas de sentidos fixos, tornam-se instrumentos de estigmatização, restringindo potencialidades humanas e reforçando estereótipos.

Cazeiro, Souza e Bezerra (2019) ressaltam que o gênero não deve ser compreendido como marcador biológico, mas como construção social atravessada por processos de subjetivação que frequentemente desfavorecem as mulheres.

Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo descrever e interpretar as percepções de discentes do ensino médio acerca das implicações das imagens cristalizadas no desenvolvimento formativo e no bem-estar subjetivo de mulheres brasileiras, além de reconstruir tais percepções por meio de experiências pedagógicas com imagens mais abertas, capazes de evidenciar suas potencialidades e conquistas sociopolíticas.

Metodologia

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentando-se no Método Fenomenológico Empírico (MFE) de Giorgi (2006), selecionado por sua potencialidade em apreender os sentidos e significados dos fenômenos tais como são vivenciados pelas pessoas.

O estudo envolveu trinta discentes do segundo ano do Ensino Médio regular e integral do Colégio Estadual Dom Climério Almeida de Andrade (CEDOCA), em Vitória da Conquista–Ba. As atividades foram realizadas em parceria com bolsistas, voluntária e o coordenador do projeto de extensão “Educação Geográfica e Psicossocial das Imagens Contemporâneas (EduGeoPsIC)”, seguindo a metodologia de ensino em Projetos de Intervenção Imagético-Pedagógico (PII-P), cujo tema foi “A Saúde e Educação das mulheres brasileiras: experiências e construção de sentidos”. Os participantes foram selecionados com base na disposição em colaborar, com garantida preservação de suas identidades.

Por fim, a partir das informações construídas, realizou-se a descrição detalhada dos fenômenos e a elaboração de suas interpretações sob a perspectiva fenomenológica.

Resultados e discussão

Os resultados indicam que os discentes percebem as mulheres brasileiras predominantemente como cuidadoras, assumindo papéis de mães, pedagogas ou enfermeiras, voltados ao cuidado dos outros em detrimento de si mesmas. Essas imagens mais cristalizadas refletem expectativas sociais historicamente construídas sobre o que significa ser mulher, independentemente das múltiplas jornadas que assumem. Sob a perspectiva de Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, evidenciando como estereótipos, como a cor rosa, brincar de boneca ou de casinha, moldam responsabilidades socialmente atribuídas, sem necessariamente promover autonomia ou a capacidade de gestão do próprio espaço de cuidado.

Tais pressões, reforçadas por perspectivas patriarcais e sexistas, comprometem o bem-estar subjetivo das mulheres, entendido como a avaliação que fazem de suas próprias vidas, associada à maior produção de afetos negativos em relação aos positivos e à baixa satisfação geral frente aos padrões socialmente pré-estabelecidos. Simultaneamente, essas imagens cristalizam o papel de cuidadora, inclusive ao julgar mulheres que assumem jornadas triplas de estudo, trabalho e cuidados familiares.

Entretanto, a experiência com imagens mais abertas e a problematização da interseccionalidade permitiram aos discentes reconhecer a diversidade das mulheres brasileiras e seus distintos acessos a oportunidades, promovendo uma sensibilização crítica que valoriza a desconstrução de estereótipos, o bem-estar e a autonomia feminina.

Conclusões

As imagens mais cristalizadas das mulheres brasileiras, baseadas em tradições patriarcais, restringem o vir-a-ser mulher à subserviência e ao cuidado. Experiências pedagógicas com representações plurais tensionaram essas visões, promovendo novas compreensões sobre autonomia e devir feminino, e favorecendo formações mais críticas e emancipadoras.

Referências bibliográficas

CAZEIRO, Felipe; SOUZA, Emilly Mel Fernandes de; BEZERRA, Marlos Alves. (Trans)tornando a norma cisgênera e seus derivados. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, p. 1-12, 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LOPES, W. F.. Percepções docentes sobre as experiências e construção de sentidos com imagens nas aulas de Geografia da Educação Básica. In: **IX SEMINÁRIO NACIONAL V SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL**, 2024, Vitória da Conquista-BA. Políticas e práticas educacionais: dos contextos de base à difusão internacional. Vitória da Conquista-BA: UESB, 2024. v. I. p. 2137-2151.